

ENTRE ONDAS, LETRAS E LIVROS: uma vivência pedagógica ribeirinha no Pantanal Sul-mato-grossense

Dilson Vilalva Esquer¹

Eixo temático :10. Alfabetização e ensino remoto: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O presente artigo relata a prática pedagógica em uma escola ribeirinha do Pantanal sul-mato-grossense no tempo da pandemia do COVID-19 no ano de dois mil e vinte, tecendo reflexões acerca da organização do trabalho com os alunos, visto que eles residem no decurso do rio Paraguai em uma região com muitas dificuldades tecnológicas e escassez de recursos tanto físicos quanto de manutenção. Contudo, tais dificuldades não impediram que fosse realizado um trabalho pedagógico, elas somente ajudaram a compreender as potências e as possibilidades de trabalho. Dentro dessa perspectiva é apresentada uma análise a partir de relatos de educadores que se aventuraram pelas ondas de um rio pantaneiro para levar educação de qualidade para as crianças, e assim, ajudá-los a conhecer o mundo letrado por meio da leitura de livros.

Palavras-chaves: Literatura; Escola das águas; Alfabetização; Ensino Remoto.

Molhando os pés e as mãos

Este artigo traz uma reflexão a respeito da experiência vivenciada em uma escola ribeirinha neste tempo de pandemia. Com a gênese do Covid-19 e de todos os seus infortúnios, queremos trazer como aconteceu a organização didático pedagógica de uma escola das águas no Pantanal Sul-mato-grossense, na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul. Primeiramente trazemos uma discussão sobre o contexto que o mundo passou a se ter em 2020. Em segundo plano tecemos algumas reflexões acerca da importância da mediação da leitura. No terceiro momento compilamos os dados, a partir dos relatos dos educadores,

¹Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação do Câmpus do Pantanal, da UFMS. Professor da Prefeitura Municipal de Corumbá- MS. Contato: dilson.esquer@ufms.br

referentes às ações executadas e, por fim, constam nossas considerações a respeito dessa experiência.

No ano de 2020 fomos surpreendidos com o advento da pandemia do Covid-19 em todo o mundo e, em nossa região pantaneira em Corumbá, não foi diferente. Uma infinidade de desafios no campo educacional urbano. Mas, não foi apenas na cidade afetada pela pandemia, as escolas do campo também sofreram com as grandes desordens provocadas por essa manifestação infecciosa. É sobre isso que Souza (2020) escreve indicando que,

[...] vivemos uma crise sem precedentes. A pandemia do coronavírus chegou nos impondo uma nova ordem, um outro ritmo para a humanidade. O caos se instalou. No Brasil, além da grave crise sanitária, ainda passamos por profundas crises econômica e política. Para tentar entender este momento, precisamos dialogar com um turbilhão de sentimentos, assim como, com teorias e práticas que possam nos ajudar a encontrar um pouco de ordem no caos (SOUZA, 2020, p. 111).

Foi a partir dessa emergência e configuração atual e tecnológica que o ensino remoto emergencial (ERE) tornou-se uma das formas acessível e possível dentro do contexto educacional do nosso país. Contudo, todas as maneiras de realização desse ensino precisou se adaptar a partir do âmbito singular de cada espaço. Nas escolas das águas do Pantanal Corumbaense, as intervenções pedagógicas tiveram também que se modificar para se adequar aos novos paradigmas de ensino.

Dentro das perspectivas e esperanças surgiu uma maneira mais eficaz de conduzir o trabalho com os alunos ribeirinhos que consistiu em levar a literatura infantil na residência de cada criança com o objetivo de não mudar o foco do ensino/aprendizagens, dos nossos sujeitos da educação, que são nossos estudantes.

Diante disso, tecemos neste texto nossas discussões, a partir da análise do registro feito por três educadores sobre a reflexão de sua práxis pedagógica, retratando como foi o processo de construção dessas ações de intervenção com o/as aluno/as em suas residências, em comunhão aos familiares.

Consideramos que dar voz e vez é perceber o quanto o educador se sentiu como agente ativo de levar educação, mesmo utilizando o decurso do rio e, assim, se sentir presença educativa mesmo com todas as amarras trazidas pela pandemia neste contexto mais desafiador que é a educação no Pantanal.

Leituras, Letras e Títulos

Fazer escolhas em relação a conteúdos e práticas pedagógicas foi uma ação corriqueira e carregada de significados e simbolismos. Sabemos que as escolas das águas

na região do Pantanal são escolas campesinas que por si só, principalmente por conta do seu contexto social e geográficos, possuem uma caracterização muito mais desafiadora do que as escolas urbanas.

Então a reflexão pedagógica primeiro se ateuve a percepção das fraquezas no atendimento essas escolas teriam uma delas é de que nelas o ensino remoto assíncrono era uma realidade impossível. Outro ponto é que, devido as distâncias serem muito longas, o comparecimento no local e também nas ações presenciais na escola seria escasso, uma vez que o meio principal de transporte são os barcos. Depois de algumas discussões reflexivas e teóricas chegamos a conclusão de que o melhor caminho naquele momento era colocar em prática as intervenções que tinham como foco a leitura.

Mas por que a leitura? Consideramos que para se ter um desenvolvimento mais apropriado de qualquer outra disciplina, a leitura é imprescindível principalmente para conhecer e interpretar o mundo letrado à nossa volta. Sendo assim, focou-se na organização dessas intervenções por meio de uma sistemática formação para os educadores, em que valorizava a leitura com essa completude.

A questão da leitura percorre muitos trabalhos dentro de uma perspectiva onde a educação é a porta de entrada para a vida em sociedade, quanto a isso ressaltamos como Arena (2010) que a leitura tem o objetivo de

[...] o ponto de chegada do leitor, não somente do leitor sênior, mas de qualquer leitor em seu processo de formação, é o desenvolver a leitura como um modo de operar sobre a linguagem gráfica independentemente da oralidade, mas que ela pode voltar-se, sem, entretanto, manter dependência ou submissão aos modos específicos de operar com o oral para compreender o mundo e o universo da ficção (ARENA, 2010, p. 42).

O que podemos refletir é sobre esse papel da leitura como mediadora do que acontece no universo e o que acontece no campo do lúdico, do imaginário, sempre pensando numa relação direta e dependente de uma ação e de outra com todas as habilidades e competências que podem ser desenvolvidas dentro do contexto leitor. Contudo, o que mais nos chama atenção dentro da construção da estratégia de leitura são as possibilidades encontradas na formação intelectual diretamente, como afirmam Girotto e Souza (2010, p. 51),

[...] um leitor capaz de compreender os significados do texto realiza um complexo exercício cognitivo quando lê. Sua compreensão advém das paráfrases que realiza, motivadas pela projeção de imagens mentais conforme lê. Algumas vezes, as deduções são evolutivas, ou seja, o leitor as constrói gradativamente, enquanto aprofunda a leitura.

Sabemos e consideramos importante que para construir o hábito leitor, os educadores precisam também ler para assim, conduzir um trabalho de sedução e de encantamento para

este fim, e a formação realizada com a equipe pedagógica tinha principalmente esse fim, a construção de um sujeito educador e leitor.

Assim sendo, o que cabia para que antes de trabalhar com os alunos, a formação dos educadores se fez essencial para que os que tinham hábitos de leitura se aprofundassem e os que ainda não tinham se constituíssem como um princípio ativo dessa nova habilidade.

Navegando em águas profundas

O que extraímos de toda essa experiência é o apresentaremos nesse momento. Mas, antes de iniciarmos faz-se necessário apresentar alguns pontos que darão uma visão mais aproximada do tipo de escolas que trazemos nesses escritos. É importante essa caracterização, levando-se em conta a configuração pedagógica que se aplica de acordo com as possibilidades onde estão instaladas, inclusive quanto a organização de turmas e de atividades, como nos trazem Nozu, Rebelo e Kassar (2020, p. 1060):

[...] a oferta de escolarização concentra-se nos anos iniciais do Ensino Fundamental e com predomínio de turmas multisseriadas. Ainda assim, há várias especificidades entre as unidades de ensino. Em 2019, de acordo com a demanda, algumas ofereceram também a etapa da Educação Infantil (Pré-Escola) – Porto Esperança, São João, Jatobazinho e Paraguai Mirim – e os anos finais do Ensino Fundamental – Porto Esperança, Santa Aurélia, São João, Sebastião Rolon, Nazaré, Paraguai Mirim e São Lourenço.

É percebido que cada uma das Unidades de Ensino precisa se organizar e se adaptar de acordo com suas necessidades e é um dos ganhos mais importante, pois transparece uma atitude que acreditamos ser fundamental para a construção da educação que é respeitar os limites e as possibilidades de se fazer educação em diversos ambientes e com qualidade.

Vale dizer que o trabalho com a literatura foi desempenhado no decorrer do ano letivo de 2020, iniciando as visitas nas famílias a partir do mês de maio, pois os meses de março e abril foram para as formações para atuação, até o mês de novembro, sendo que as famílias eram visitadas de mês em mês para essas ações.

A seguir apresentamos nossas reflexões, a partir do relato de três educadores expressos nos registros dos relatórios mensais, acerca da experiência dentro dessa nova maneira de trabalho. Para preservar o anonimato, os educadores estão identificados por meio de números, sendo um homem (Educador 1) e duas mulheres (Educadora 2 e Educadora 3).

Organizamos a análise dos relatos em três pontos, sendo o primeiro sobre o planejamento das ações. O segundo trata da ação propriamente dita, com algumas ideias de como foi executado o plano e o terceiro apresenta uma visão mais pessoal de cada educador sobre a realização das ações.

Com relação ao primeiro ponto, para que os educadores fossem realizar as atividades nas casas, foram organizadas formações semanais com o tema da leitura e literatura. Nessas formações eram apresentadas formas e maneiras de leitura e como organizar uma boa intervenção. Isso fica registrado no depoimento dos educadores. Para o educador 1:

“A atividade exigiu um planejamento baseado nas formações realizadas, no qual foram indicadas 4 obras literárias para que pudéssemos exercer um momento de leitura com os alunos e suas famílias, no espaço domiciliar. Desse modo, levando em consideração o perfil dos alunos, e as preferências de narrativas da turma, o livro escolhido foi “A Revolta dos Gizes de Cera do escritor Drew Daywalt” (Educador 1. Relatório, 2020).

Fica expresso que para que as intervenções fossem realizadas existiu um momento de planejamento para realizar uma curadoria das obras que chegariam aos alunos. Uma organização coletiva também foi criada, planejada e consolidada como relatado no depoimento do educador a seguir:

“A elaboração em conjunto proporcionou, pensarmos a partir das formações realizadas, colocando em prática os aprendizados que aos poucos se solidificam em nosso cotidiano. Percebemos a pluralidade de ideias e estratégias, que se complementam durante o diálogo. Consolidando, objetivos e práticas em comum, visando a qualidade das atividades propostas” (Educador 1. Relatório, 2020).

O segundo ponto apresenta como foi a execução dos planejamentos por permitir uma atitude de reflexão sobre os pontos para aprimorar nas próximas ações. Muito se pode compreender e vislumbrar como era a ação na casa dos alunos. Um dado que uma educadora traz para exemplificar é que,

“[...] quando chegamos encontramos a aluna brincando com um caranguejo onde não demonstrou medo e dizia que iria usá-lo como isca para sua pescaria. Reunimos a família para a leitura onde ouviram atentamente, interagiram muito no decorrer da história. Assim que terminamos, a aluna fez a releitura visual do livro recontada com todos os detalhes” (Educadora 3. Relatório, 2020).

Esse depoimento evidencia o contexto em que vivem o/as aluno/as das escolas no Pantanal, onde se tem o contato direto com a natureza e esta característica não pode estar fora do trabalho pedagógico e nem ser desconsiderado.

Outro educador destaca a presença da família na execução das atividades:

“A presença dos familiares que estavam presentes foi de essencial cooperação, fortalecendo o vínculo existente, partindo da ideia que aquele momento deveria ser acolhedor, uma contação de história que envolveu todos, a reflexão apresentada pelos pais foram muito válidas, por meio da literatura conseguimos tratar de assuntos do cotidiano, onde os pais e filhos puderam colocar mesmo em falas acanhadas, seu próprio ponto de vista” (Educador 1. Relatório, 2020).

Percebemos que não só as crianças se envolviam dentro das atividades, mas todas as pessoas que faziam parte do núcleo familiar precisavam estar dentro do planejamento e queriam estar presente nas atividades com as crianças.

O terceiro e último ponto trata das experiências e visão dos educadores a partir da sua constituição como educador e pessoa, pois consideramos essencial poder reverberar como cada um se sentiu nessas ações que os levaram ao contato direto com os alunos. O educador 1 ao escrever sobre suas visões ressalta que:

“A afetividade compôs nossos momentos, permitindo sermos professor e aluno em um espaço diferenciado, Paulo Freire retoma sempre a ideia de fazermos presentes os sentimentos para com os alunos, dando abertura para que se sintam acolhidos, especiais e únicos em seu processo de formação. A visita possibilitou levarmos informações esclarecedoras, sobre a situação que vivenciamos atualmente, foi inevitável falar sobre a Pandemia, mas percebemos que a preocupação faz com que as medidas de proteção venham sendo tomadas dentro do possível pelas famílias” (Educador 1. Relatório, 2020).

Concretiza-se nesta fala de que, nesses tempos de pandemia, a presença do educador ao visitar os alunos transparece uma visão de afeto. Tanto para os alunos quanto para a construção profissional deste educador, causando uma sensibilização para o cuidado e também para a vida em construção que se dará a partir desse encontro.

Outra educadora traduz a experiência da seguinte forma,

“Esta atividade foi muito proveitosa, pois por meio dela podemos encontrar nossos alunos, conversar com as famílias, e assim sabermos como nossos alunos e suas famílias estão enfrentando esse momento com as crianças fora da escola, e assim, mantermos contato com as crianças e com suas famílias. Tirar as dúvidas a respeito das atividades propostas pelos professores, orientar as famílias e também orientar quanto aos cuidados que todos devemos ter durante a pandemia” (Educadora 3. Relatório, 2020).

Para a outra educadora, a sua relação com essa atividade foi demonstrada na seguinte expressão:

“Logo, penso que as crianças estão sentindo falta da escola, e esse deslocamento de levarmos até elas uma conversa com a família, uma história contada para os alunos através do livro traz uma proximidade grande do vínculo familiar e escolar, em momentos tão difíceis em que estamos vivendo em tempos de pandemia” (Educadora 2. Relatório, 2020).

Diante do exposto, a experiência educativa pelas ondas do rio Paraguai com as comunidades ribeirinhas surtiu efeitos positivos e persuasivos, propiciando sensação de tranquilidade e de presença na comunicação da escola com as famílias, com o compromisso de garantir com que os educandos não “perdessem” tempo valioso de aprendizados.

Finalizando ou abrindo rotas?

Poder escrever e ressaltar o trabalho de alfabetização e letramento com crianças ribeirinhas no Pantanal de Corumbá suscita grande e importante desafio, pois a organização escolar se fez presente mesmo no tempo da pandemia e de uma calamidade pública que assolou nosso país e o mundo.

Entender as possibilidades que foram criadas e construídas por meio de escolhas pedagógicas para atender a demanda educacional específica de uma região de difícil acesso, nos comprova que o trabalho pedagógico precisa reconhecer e partir de uma realidade que garanta a aproximação aos conhecimentos historicamente adquiridos para todos que podem ter acesso a eles.

Compreendemos que a leitura pode ser esse meio pelo qual as crianças podem ter acesso a diversos conhecimentos. Não é uma atividade puramente dos estudos das línguas, mas possui potencial transdisciplinaridade que garante o desenvolvimento mais pleno de muitas habilidades e capacidades dos alunos.

O contato direto com os educandos e suas famílias dentro do núcleo onde estão inseridos garante a concretização de uma escola participativa em que todos os sujeitos envolvidos possam colaborar e fazer parte ativamente. Essa atitude nos ajuda a transmitir que a escola é uma instituição que também vai ao encontro dos alunos e os considera capazes de aprender em diversos ambientes .

Outro ponto valioso é a organização coletiva que surgiu neste momento. Ela foi uma das características que teve que ser efetivamente empregada e vivida na prática. Como consequência de criar uma mesma linguagem para todas as turmas e caracterizar o perfil desta escola nestes tempos de pandemia.

O título do artigo “Entre ondas, letras e Livros” foi pensado justamente para demonstrar quais são os fatores que foram trabalhados no cotidiano da ação pedagógica que garantiu diretamente uma formação mais cognitiva, independentemente das barreiras e dificuldades tanto naturais como estruturais, fazendo com que fossem alcançada todos os objetivos propostos.

Por fim, concluímos que as ações, neste tempo de pandemia, nos obrigaram a pensar alternativas para melhor assegurar o direito à educação de qualidade para crianças e adolescentes, independentemente do local e até mesmo da condição social e econômica em que esses sujeitos se encontram. Diante disso, trazer os relatos dos educadores ribeirinhos no Pantanal, em tempos de pandemia, é um ato político e de resistência, que tem uma finalidade que ultrapassa os muros da escola e carrega em si o fardo de fazer do nosso país um lugar melhor para viver.

Referências

ARENA, Dagoberto Buim. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. *In*: MENIN, Ana Maria da C. S.; GIROTTO, Cyntia Graziella G.; ARENA, Dagoberto Buim; SOUZA, Renata Junqueira. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p.13-44.

GIROTTTO, Cyntia Graziella G.; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que lêem. *In*: MENIN, Ana Maria da C. S.; GIROTTTO, Cyntia Graziella G.; ARENA, Dagoberto Buim; SOUZA, Renata Junqueira. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p. 45-114.

MACHADO, Patricia Lopes Pimenta. Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 5, ed. 6, v. 8, p. 58-68. Jun. 2020.

NOZU, Washington Cesar Shoiti; REBELO, Andressa Santos; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Desafios da gestão nas escolas das águas. **Revista On Line de Política e Gestão Educacional**. v. 24, n. 2, p. 1054-1067, 30 set. 2020.

NOZU, Washington Cesar Shoiti; KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Escolarização de crianças e adolescentes pantaneiros em tempos de COVID-19. **Praxis Educativa**. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), v. 15, p. 1-21, 2020.

SOUZA, Elmara Pereira. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, Vitória da Conquista/ Ba, v. 17, n. 17, p. 110-118, jun/dez 2020.

ZAIM-DE-MELO, Rogério. **Jogar e brincar de crianças pantaneiras**: um estudo em uma “Escola das Águas”. 2017. 141 f. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.